

1

Introdução

Na linguagem cotidiana, na Filosofia, na Literatura e na formulação do conhecimento científico, a noção de espaço é vastamente utilizada, cobrindo um imenso território de conceitos e teorias. Mal sabia eu quão longe esta noção iria me levar. E a viagem ainda não terminou. É apenas o começo.

Qual espaço abordar? Parecia claro que havia uma separação espacial, tanto na Psicologia quanto na Terapia de Família, sobre a qual eu gostaria de lançar o meu olhar, visando a construir uma articulação de elementos diferenciados, mas relacionados. Diante de mim, estava a tarefa de unir reconhecendo os limites fronteiriços. Mas como estabelecer estes limites e criar critérios de articulação? Uma realidade-água escapa pelas mãos, desafiando o estabelecimento de uma distinção que não impeça o contato.

“Leitura de uma onda

O senhor Palomar vê uma onda apontar na distância, crescer, aproximar-se, mudar de forma e de cor, revolver-se sobre si mesma, quebrar-se, desfazer-se. A essa altura poderia convencer-se de ter levado a cabo a operação a que se havia proposto e ir-se embora. Contudo, isolar uma onda da que se lhe segue de imediato e que parece às vezes suplantá-la ou acrescentar-se a ela e mesmo arrastá-la é algo muito difícil, assim como separá-la da onda que a precede e que parece empurrá-la em direção à praia, quando não dá até mesmo a impressão de voltar-se contra ela como se quisesse fechá-la. Se então considerarmos cada onda no sentido de sua amplitude, paralelamente à costa, será difícil estabelecer até onde a frente que avança se estende contínua e onde se separa e se segmenta em ondas autônomas, distintas pela velocidade, a forma, a força, a direção.”

(Calvino, 1994, p.7)

Definições precisam ser realizadas. Perguntas norteiam o horizonte. O que é indivíduo? O que é Psicologia? O que é família? O que é Terapia de Família? Como se relacionam a família e o indivíduo? Como as relações pessoais e o sujeito psicológico interagem? Clamando por repostas decido percorrer um caminho repleto de paisagens conceituais e estradas teóricas. A visão histórica torna-se um guia crucial. Estas questões são respondidas

de diferentes maneiras, em diferentes espaços e tempos.

“Em suma, não se pode observar uma onda sem levar em conta os aspectos complexos que concorrem para formá-la e aqueles também complexos a que essa dá ensejo. Tais aspectos variam continuamente, decorrendo daí que cada onda é diferente de outra onda; mas da mesma maneira é verdade que cada onda é igual a outra onda, mesmo quando não imediatamente contígua ou sucessiva; enfim, são formas e seqüências que se repetem, ainda que distribuídas de modo irregular no espaço e no tempo. Como o que o senhor Palomar pretende fazer neste momento é simplesmente ver uma onda, ou seja, colher todos os seus componentes simultâneos sem descurar de nenhum, seu olhar se irá deter sobre o movimento da água que bate na praia a fim de poder registrar os aspectos que a princípio não havia captado; tão logo se dê conta de que as imagens se repetem, perceberá que já viu tudo o que queria ver e poderá ir-se embora.”

(Calvino, 1994, p.8)

Escolher uma estrada tão sinuosa exige abrir mão da certeza absoluta, sabendo que ao fim não virá a resposta definitiva. É preciso adquirir coragem para persistir, não se deixando esmorecer. Ao mesmo tempo, não se deve encarecer a busca.

“(…) Assim, para se compreender como uma onda é feita é necessário ter-se em conta esse impulso em direções opostas que em certa medida se contrabalançam e em certa medida se somam, e produzem um quebrar geral de todos os impulsos e contra-impulsos no mesmo alagar de espuma.”

(Calvino, 1994, p.9)

São muitos os espaços. Encontram-se, no entanto, dentre as variadas possibilidades, uma divisão entre espaço exterior e espaço interior, que faz com que as muitas analogias e metáforas espaciais relacionem esta divisão entre um dentro e um fora, estabelecendo contornos. Estes espaços têm sido ordenados e definidos de acordo com as divisões disciplinares, delimitando um campo de observação restrito a cada disciplina. Não conformada com divisões intransponíveis, procuro ampliar minha trajetória pela visão interdisciplinar.

“O senhor Palomar está procurando agora limitar seu campo de observação; se tem presente um quadrado de, digamos, dez metros de praia por dez metros de mar, pode levantar um inventário de todos os movimentos de ondas que ali se repetem com freqüência variada dentro de um dado intervalo de tempo. A dificuldade está em fixar os limites desse quadrado, porque, por exemplo, se ele considera como o lado mais distante de si a

linha em relevo de uma onda que avança, essa linha ao aproximar-se dele irá, erguendo-se, ocultar de sua vista tudo o que está atrás; e eis que o espaço tomado para exame se destaca e ao mesmo tempo se comprime.

Contudo, o senhor Palomar não perde o ânimo e a cada momento acredita haver conseguido observar tudo o que poderia ver de seu ponto de observação, mas sempre ocorre alguma coisa que não tinha levado em conta. Se não fosse pela impaciência de chegar a um resultado completo e definitivo de sua operação visiva, a observação das ondas seria para ele um exercício muito repousante e poderia salvá-lo da neurastenia, do infarto e da úlcera gástrica. E talvez pudesse ser a chave para a padronização da complexidade do mundo reduzindo-a ao mecanismo mais simples.

É pena que a imagem que o senhor Palomar havia conseguido organizar com tanta minúcia agora se desfigure, se fragmente e se perca. Só conseguindo manter presentes todos os aspectos juntos, ele poderia iniciar a segunda fase da operação: estender esse conhecimento a todo o universo. Bastaria não perder a paciência, coisa que não tarda a *acontecer*. O senhor Palomar afasta-se ao longo da praia, com os nervos tensos como havia chegado e ainda mais inseguro de tudo.”

(Calvino, 1994, p.9-11)

A ânsia pelo conhecimento faz com que eu me identifique com o senhor Palomar. Temo tornar-me Palomar, almejando o alcance do que tantos outros um dia pensaram ser possível: a verdade universal. E, nesta busca frenética, deixar-se vencer por sintomas neuróticos, ao invés de vivenciar a alegria da eterna busca da verdade nunca acabada.

No caminho da elaboração desta pesquisa, deparei-me tanto com a solidão e a angústia quanto com a satisfação dos encontros inesperados. Se não há segurança total, ao menos, caminhando ao longo da praia, é possível ter ocasiões felizes a serem divididas e reformuladas com outros. Este texto escrito, culminância de várias jornadas, proporciona uma oportunidade de vivenciar um outro momento: o do compartilhar. Espero que interlocutores diversos se manifestem.

Os espaços e os tempos históricos

Como pensar o humano fora da dimensão espacial? Na história da Psicologia, vinculada à construção histórica da sociedade ocidental moderna, encontram-se referências a uma conceituação do humano em termos espaciais. Desde a abordagem inicial, em que se

supõe a existência de uma mente a ser analisada cientificamente, passando pela formulação do inconsciente psicanalítico até a caixa escura do behaviorista, o espaço interiorizado toma várias formas. Acredita-se poder medi-lo, acredita-se poder formulá-lo a partir de instâncias que se relacionam hierarquicamente. Entretanto, dúvidas surgem pela dificuldade do empreendimento da medição do espaço interior. O Behaviorismo, caracterizando a força predominante da Psicologia nos Estados Unidos, com sua crescente expansão por todo o mundo, leva à descrença na formulação científica do espaço interior. E, se não pode ser científica, deixa de existir para a Psicologia. Analogias como as da profundidade, o que está por trás ou para além, ou as do mundo interior são duramente criticadas e substituídas pela noção de evidência, que se realiza na exterioridade. O psicólogo deve ser definido como aquele que observa e compreende o comportamento. Deve criar instrumentos de medida que expliquem o comportamento humano pela visualização do exterior.

Por que então retomar a noção de espaço, dividindo-o entre interior e exterior, quando sua força heurística está adormecida? Para que acordar o que dorme? Fazer vir à superfície o que foi submerso? Apesar da interdição, behaviorista e materialista, a metáfora espacial ainda é válida para pensarmos nossa situação no mundo. Utilizamo-la o tempo todo para falar sobre o que define o humano. Por exemplo: quantas vezes você ouviu uma pessoa, ou você mesmo disse, a fim de se exprimir, que ia se “colocar”. “Eu gostaria de me colocar”. Aonde? O eu se situa geograficamente, traçando uma analogia espacial com um posicionamento moral ou intelectual.

O espaço sofre modificações com o tempo; ele move-se. Eis uma frase ambígua. De que espaço se trata? Poderiam ser dadas variadas qualificações a ele, tais como subjetivo, geográfico, físico, social, público, privado, entre outras, sendo estas pronunciadas de acordo com diferentes disciplinas, em diferentes momentos históricos. Dentre as qualificações mencionadas, surpreende-me

tomar conhecimento de que a Geografia tem no espaço o seu campo de pesquisa privilegiado (Santos, 2002). Ele é abordado tanto de um modo objetivo, quando a Geografia considera os dados da superfície da Terra, quanto subjetivo, ao investigar “relações espaciais complexas entre as culturas, as estruturas psicológicas e as tecnologias...” (Almeida, 2000, p72). A idéia de fronteira ou de limite geográfico inicia-se com a posição espacial do próprio corpo alcançando o contorno em que um país põe limite ao outro. Conectando-se a várias disciplinas, a Geografia ilustra interessantes temas de pesquisa, tais como as variadas configurações do espaço sagrado e do espaço da cultura, incluindo as evocações espaciais de certas músicas, as memórias individuais e coletivas, entre outros.

Aproximo-me mais do que vou desenvolver, ao formular uma frase generalista, comprometida com uma abordagem filosófica: o conceito de espaço modifica-se de acordo com o conhecimento que o ser humano produz sobre ele. Mas, que não se ignore a polissemia da frase inicial, localizada no parágrafo anterior, pois a relação humana com o espaço é múltipla. A concepção histórica nos permite ver movimento até onde se supõe a fixidez. A dinâmica do espaço é o tempo. O ser humano é construtor de sua humanidade, habitando diversos espaços através do tempo.

O conceito de espaço pode ser remetido, em seu sentido primeiro, ao problema da natureza da exterioridade, isto é, o que torna possível a relação extrínseca entre objetos. Na história da Filosofia há, em termos gerais, duas teorias sobre o espaço. A primeira aborda a qualidade posicional dos objetos materiais no mundo. O espaço é visto como o lugar ocupado pelos corpos entre outros corpos. O espaço é identificado com a matéria, não havendo espaço onde não há objeto material. Nesta teoria, não se concebe a existência do vazio, prevalecendo na Antigüidade e durante toda a Idade Média (Abbagnano: 1982).

A segunda concepção do espaço define-o como o continente de todos os objetos materiais, o recipiente que os contém. Nasceu com o atomismo antigo e tem como teorema fundamental a existência do

espaço vazio e de sua infinitude. Esquecida, devido à dominância da concepção aristotélica, esta doutrina reaparece durante o Renascimento, quando o espaço passa a ser entendido como infinito e incorpóreo. Foi Newton (1642-1727) quem fez com que esta concepção prevalecesse, definindo o vazio como extensão sem corpo e influenciando a Física do século XIX (Abbagnano: 1982; Koyré: 2001).

Newton, concebendo o mundo físico como mecânico e corpuscular, domina o cenário da Física. Corpos materiais (corpúsculos) interagem entre si, de acordo com regras mecânicas, em um “vasto recipiente espacial”. Opondo-se à visão cartesiana, que considera as interações materiais realizando-se por contato, Newton postula a lei da gravidade. Esta permite a afirmação de que corpos materiais se influenciam mutuamente à distância. Suas leis do movimento valem não somente para o nosso sistema solar, mas se estendem a todos os lugares e a todos os tempos, definindo espaço e tempo como absolutos. No século XX, esta concepção é criticada e relativizada. Einstein (1879-1955) postula que qualquer medição em qualquer tipo de experiência científica é determinada pelo sistema de referência escolhido. Não pode haver, portanto, uma concepção absoluta de espaço e tempo (Abbagnano, 1982; Merleau-Ponty & Morando, 1971).

Às duas teorias do espaço, Einstein acrescenta uma terceira. A doutrina eisteiniana do espaço pode ser considerada, a princípio, um retorno à teoria clássica, na qual o espaço é compreendido como posição ou lugar de objetos materiais, considerando o aspecto da relatividade. Entretanto, a novidade surge pelo acréscimo da coordenada temporal, gerando a oportunidade de se constatar variações no espaço. Para Einstein, não há sentido em se falar de espaço prescindindo-se da noção de campo, que é usada para representar os fenômenos físicos, explicando-os pelas mudanças na estrutura métrica do campo. Corpos em movimento alteram a geometria do espaço, não permitindo uma soma sempre igual, tais como a dos ângulos de um triângulo, prevista pela geometria

euclidiana (Merleau-Ponty & Morando, 1971). Fora do campo não existe nada, nem sequer o espaço vazio. A noção de campo conduz à substituição das duas teorias anteriores. O espaço não é mais posição de objetos materiais e nem continente destes. De modo paradoxal, esta noção renuncia implicitamente ao conceito de espaço, ao menos do ponto de vista da geometria euclidiana, já que privilegia a relatividade de toda e qualquer medida (Abbagnano: 1982; Morris, 1998; Ray, 1993).

Ainda há um outro problema filosófico, o da realidade do espaço, que recebeu três soluções. A primeira diz respeito à realidade física ou teológica do espaço. Os Antigos, concebendo o espaço como posição de corpos ou como recipiente, acreditavam na realidade do espaço e o consideravam uma condição para a existência do mundo, sendo um atributo divino (Abbagnano: 1982; Bettanini: 1982).

A segunda solução relaciona-se à tese da subjetividade do espaço. Sua realidade é determinada pela percepção de um sujeito colocado diante de objetos tangíveis. É o movimento empirista que afirma a subjetividade do espaço, reduzindo-o a um conceito determinado pela experiência ou a uma idéia derivada de sensações. Ao empirismo, Kant (1742-1804) contrapõe a subjetividade transcendental do espaço. Sendo a condição da percepção sensível, o espaço é uma representação *a priori*, fundamento dos fenômenos externos. A tese da subjetividade do espaço, portanto, se caracteriza pela aparência ou ilusão do espaço e, neste aspecto, é defendida principalmente pelo Idealismo e pelo Espiritualismo. O espaço passa a ser visto como uma abstração da exterioridade imediata (Abbagnano, 1982).

Uma terceira solução quanto ao problema da realidade do espaço é a rejeição da formulação deste problema, afirmando que o espaço não é real nem irreal. Todavia, a noção de espaço pode ser empregada na descrição da realidade, utilizando algumas determinações métricas. Apresenta-se aqui uma motivação

científica, em que o esquema geométrico serve à descrição de um determinado campo de fenômenos (Abbagnano, 1982).

Os espaços humanos

“Bastava a um só homem mover a Terra e aumentar o mundo a ponto de torná-lo incomensurável – *immensum*. Pedir-lhe que o tornasse infinito seria demais.”

(Koyré, 2001, p.41)

Copérnico (1473-1543), baseando-se na convicção e na comprovação empírica de que há movimento das esferas celestes, ajuda a superar uma das mais fortes objeções científicas de sua época: a concepção aristotélica de que as estrelas não se movem. A idéia de um espaço infinito, no entanto, tarda a ser assumida. Koyré (2001) relata a transformação histórica da concepção espacial, mencionando vários autores e a discussão entre eles. Cito Copérnico a fim de exemplificar uma parte pequena e revolucionária desta transformação.

Outro episódio interessante relatado por Koyré trata de Giordano Bruno (1548-1600), personagem menos citado, mas que tem uma participação fundamental para a formulação do universo como infinito. Causa-me forte impressão a pergunta lançada por Bruno: “o que aconteceria se alguém passasse a mão através da superfície dos céus?” (Koyré, 2001, p.53). Pergunta imaginativa e ao mesmo tempo tão ligada à experiência corporal de cada um de nós. Imagino a mão que atravessa os céus e sigo seu argumento a favor do universo infinito. Reproduz-se, no texto, um diálogo em que a resposta aristotélica é a de que a mão não pode ocupar lugar no espaço e, desse modo, não existe. A resposta de Giordano Bruno, representada pelo personagem Filoteo, se opõe à concepção aristotélica e continua a se indagar sobre o que pode existir fora da superfície terrestre.

“FILOTEO — Ora, seja essa superfície o que se quiser, sempre terei de indagar: o que existe fora dela? Se a resposta for “nada”, eu direi que esse nada chama-se vazio. E esse vazio não possui medida nem limite exterior, posto que possua limite interior. E isso é mais difícil de

imaginar do que um universo infinito ou imenso. Pois se insistirmos em um universo finito, não poderemos fugir ao vazio. E vejamos agora se é possível haver tal espaço, no qual nada existe. Nesse espaço infinito está situado nosso universo (seja pelo acaso, seja por necessidade ou pela providência, mas não me ocuparei disso no momento). Pergunto agora se esse espaço, que realmente contém o mundo, está mais capacitado a contê-lo do que outro espaço, além.”

(Bruno *apud* Koyré, 2001, p.54)

A argumentação de Bruno leva à definição de um espaço sem centro, “puro receptáculo do ser” (p.54), um espaço infinito que inclui a todos nós da mesma maneira. Homens e astros celestes habitam-no.

No início desta viagem textual, já se pode compreender o quão distante pode levar a história da noção de espaço, relatando uma fábula das conquistas humanas. Quando se viaja, nem todos os recantos podem ser conhecidos e alguns nos marcam mais do que outros. Imaginar o espaço foi o primeiro passo para chegada do homem à lua. Cada espaço imaginado e habitado pelo homem é tornado humano. “Restam outros sistemas fora / do solar a colonizar” (Andrade, 1997, p.81).

Os espaços que habitamos e que nos habitam

E S P A Ç O

a forma
onde transito
me retém
não me contém

além da linha
circunscrita
eu sei o espaço
que me sabe

Helena Parente Cunha (2000)

A casa, espaço interior, lugar privilegiado, é escolhida por Bachelard (1993) para estudar os valores da intimidade. Ela pode fornecer “simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens”, provando que “a imaginação aumenta os valores da realidade” (p.23). Ao polarizar espaços da casa, como o sótão e o

porão, é possível “ilustrar as nuances psicológicas mais sutis” (p. 37). Para conhecer a nossa história é preciso atingir

“(…) o plano dos devaneios que vivenciávamos nos *espaços de nossas solidões*. (...) Aqui o espaço é tudo, pois o tempo já não anima a memória. (...) É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem espacializadas.”

(Bachelard, 1993, p.28)

O espaço vivido na solidão é um espaço constitutivo. Ele forma a pessoa que somos; é uma marca indelével, mesmo quando já se encontra no passado, que, “riscado do presente” (p. 29), não é mais experimentado diretamente. Introduce-se, porém, uma nuance a esta experiência solitária. Bachelard (1993) propõe uma *topoanálise*, uma análise dos espaços que nos chamam para fora de nós mesmos, baseada na *topofilia*. Sugere, que tal como na Psicanálise, que nos convida a “entrar nas aventuras da vida, a sair de si”, é necessário “dar um destino exterior ao ser interior” (p.197). Os dois espaços estimulam um ao outro, crescendo juntos. Tornam-se consoantes a imensidão do espaço do mundo e a profundidade do espaço interior. Na solidão do homem, “as duas imensidões se tocam, se confundem” (p. 207). A imensidão é a categoria filosófica do devaneio que, constituído desde o instante inicial, coloca aquele que sonha no “mundo que traz o signo do infinito (...) imediatamente está longe, além, no espaço do *além*” (p. 189). Mesmo quando se centra nos devaneios do repouso, da casa e do abrigo, não se deve esquecer do devaneio “do homem que anda”, o “devaneio do caminho” (p.30), da colina, do mar, das diversas paisagens, enfim. A imaginação está ativa desde a primeira contemplação diante de uma colina ou diante do mar.

Enfatizando uma compreensão espacial do humano, em que exterior e interior são relacionados com fronteiras transponíveis, Bachelard se opõe a uma visão geométrica do espaço. Neste último caso, “os limites constituem barreiras”. “O geometrismo registra intuições definitivas” que impedem a liberdade de acompanhar as

“escapadas da imaginação” (p. 219). Embora não apresente problemas simétricos, é preciso pôr em relação o exterior e o interior e deixar de lado as oposições definidas por uma idéia de clareza evidente. A geometrização da imaginação impõe uma “oposição formal (que) se torna mais adiante alienação e hostilidade” entre espaço exterior e espaço interior (Hyppolite, *apud* Bachelard, 1993, p. 216). Tendo uma nitidez da “dialética do sim e do não”, a geometria “tudo decide” e nos cega para a entrada em âmbitos metafóricos. “Os lógicos traçam círculos que se superpõem ou se excluem, e logo todas as suas regras se tornam claras” (Bachelard, 1993, p. 215).

A necessidade de tudo fixar leva o filósofo à busca de uma cartografia em que “tudo se desenha, mesmo o infinito” (p.216). É o que Bachelard chama de “cancerização geométrica”, atingindo o tecido lingüístico da Filosofia. Aos advérbios de lugar, *aqui* e *aí*, é atribuída uma determinação ontológica. A dialética do exterior/interior, ao contrário, deve ser pensada como múltipla, diversificada por inúmeros matizes. Não se tratando de uma simples reciprocidade, ela não se fixa em lugares pré-determinados.

“O ser do homem é um ser desfixado. Toda expressão o desfixa. No reino da imaginação, mal uma expressão foi *enunciada* o ser já tem necessidade de outra expressão, o ser deve ser o ser de outra expressão. (...) É no âmago do ser que o ser é errante. Por vezes, é estando fora de si que o ser experimenta consistências”

(Bachelard, 1993, p. 218)

Bachelard (1993) compreende que o ser é espiralado, nunca alcançando o seu centro, mesmo ao ser designado, do ponto de vista exterior, como um “centro bem revestido”.

“O ser é sucessivamente condensação que se dispersa explodindo e dispersão que reflui para um centro. O exterior e o interior são ambos *íntimos*; estão sempre prontos a inverter-se, a trocar sua hostilidade. Se há uma superfície-limite entre tal interior e tal exterior, essa superfície é dolorosa dos dois lados. (...) Nesse drama da geometria íntima, onde devemos habitar?”

(Bachelard, 1993, p.221)

A concepção psicológica, fundamentada nas “preguiçosas certezas das instituições geométricas” que devem “reger o espaço da intimidade” (p. 223), ignora as múltiplas passagens entre espaço exterior e espaço interior. Bachelard incita a que se afiem as ferramentas de análise, trazendo as metáforas para a superfície, para um encontro com a atualidade de sua expressão, com o auxílio da imaginação poética.

“(...) explorar o ser do homem como o ser de *uma superfície*, da superfície que separa a região do mesmo e a região do outro. Não esqueçamos que, nessa zona de superfície sensibilizada, antes de ser é preciso dizer. Dizer, se não aos outros, pelo menos a si mesmo. E sempre avançar.”

(Bachelard, 1993, p. 224)

Nem a profundidade, nem a relação entre o espaço exterior e o espaço interior devem ser pensadas geometricamente. Bachelard oferta uma compreensão do homem que permite sair da fixidez do espaço matematizado: “O homem é o ser entreaberto” (p. 225). A profundidade do espaço íntimo e a imensidão do espaço exterior não se excluem e constituem o humano. A idéia de uma superfície que separa vincula-se à expressão do que é dito, vincula-se ao interior daquele que diz para si mesmo e/ou para um outro. Enfatizar o caráter relacional, quando esta expressão, quando este dizer é para um outro, é compreender o compartilhar da intimidade como um aspecto que forma tanto as relações quanto os indivíduos.

“- Vastas ondas... — disse Thomas Buddenbrook. — Como elas se aproximam e se esmagam, se aproximam e se esmagam, uma após outra, sem fim, sem objetivo, monótonas e doidas. E todavia produzem um efeito calmante e consolador, como tudo quanto é simples e necessário. Aprendi a amar cada vez mais o oceano. . . Pode ser que outrora eu preferisse a montanha, pelo único motivo de ela estar tão distante. Agora não queria mais viajar para lá. Acho que ali experimentaria apenas medo e vergonha. Ela era por demais arbitrária, irregular, múltipla... Não há dúvida de que me sentiria demasiado inferior. Que espécie de homens são esses que têm uma predileção pela monotonia do mar? Parece-me que são aqueles que lançaram olhares excessivamente longos e profundos na confusão do mundo interno para poderem exigir do externo outra coisa a não ser, pelo menos, simplicidade. . . É apenas um detalhe se, na montanha, a gente faz subidas audaciosas, enquanto na praia descansa tranqüilamente na areia. Mas eu conheço o olhar com que se presta homenagem a ambos. Olhos confiados, impávidos e felizes, cheios de ânimo empreendedor, firmeza e vitalidade, vagam de cume em cume;

porém na vastidão do mar, cujas ondas flutuam com esse fatalismo místico e atordoador, repousa sonhando um olhar velado, desalentado e consciente que, em qualquer parte e época, mergulhou demasiado fundo em tristes perturbações. . . Saúde e enfermidade, eis a diferença. Trepamos audazmente na maravilhosa multiplicidade das alturas denteadas, eretas e alcantiladas, para experimentarmos a nossa força vital, da qual nada ainda se gastou. Mas repousamos sobre a vasta simplicidade das coisas exteriores quando estamos cansados pela confusão das íntimas.

A Sra. Parmeneder permaneceu muda, intimidada e chocada (...) fixava os olhos na distância para não encontrar os do irmão. E silenciosamente, pedindo-lhe perdão por sentir vergonha dele, deu-lhe o braço.”

(Mann, 1979, p.589)

“O espetáculo exterior vem ajudar a revelar uma grandeza íntima” (Bachelard, 1993, p.197). Thomas Buddenbrook fala. Expressando-se diante de uma paisagem, deixa-se guiar por imagens que revelam suas emoções. Sua ouvinte é a Senhora Parmeneder, sua irmã. Dividem uma história de família, de interações, de valores e de emoções que englobam este momento íntimo e compartilhado. Mesmo já tendo experimentado a imensidão do mar em seu interior, a irmã permanece calada. Talvez por ter vivido o segredo de uma relação amorosa de verão, a Senhora Parmeneder sinta este momento de uma forma diferente, envergonhando-se.

Muito pode ser discutido a respeito desta história familiar, narrada por Thomas Mann, dilatando a análise do tema proposto. O principal propósito das ilustrações, apresentadas nesta introdução, é indicar a extensa relação entre os espaços exterior e interior. Distingue-se esta relação quando ela é direcionada à família e ao indivíduo, que, mesmo sendo definidos como diferentes, permeiam-se por constantes trocas consonantes/dissonantes, movimentando-se espacialmente.

Como os espaços são divididos

O espaço da tese, em sua forma escrita, divide-se em cinco partes. Na primeira parte, ressalto várias perspectivas da relação família-indivíduo, salientando uma compreensão interdisciplinar. Nas três partes seguintes, meu objetivo é o de mapear um campo, circunscrevendo-o por questões relativas à delimitação de espaços,

sobretudo, disciplinares. Na última parte, é desenvolvida uma proposta teórica.

No capítulo inicial, Dumont (1971, 1985, 1986) ajuda-me a pensar sobre a relação todo/parte, destacando oposições distintivas que, de uma forma complexa, são ponderadas pela oposição hierárquica. Prossigo com três autores que representam três perspectivas, exemplificando a riqueza da relação família/indivíduo: Malinowski (1930), Lévi-Strauss (1986) e Durkheim (1975).

Do ponto de vista do projeto da modernidade, definindo a leitura de um processo sócio-histórico, a busca do indivíduo para constituir-se como pessoa vai-se tornando gradualmente mais relevante, enquanto a família se define como um grupo que permite a realização das personalidades individuais. Ressaltam-se aqui alguns aspectos a respeito de uma possível caracterização da pós-modernidade, utilizando principalmente Singly (1993, 1996, 2000a, 2000b). Acrescentam-se às três perspectivas, mencionadas acima, algumas considerações a respeito do Brasil, quanto à relação família/indivíduo. Os autores principais são Almeida (1987), DaMatta (1987, 1990, 1991) e Viveiros de Castro (2000). Em seguida, desenvolvo uma compreensão filosófica e histórica da relação familiar e da constituição da identidade pessoal, assinalando a contraditória separação, constituída entre ambos, no Ocidente (Duarte, 1995, 2002; Freedman, 2002; Simmel, 1971, 1989a, 1989b; Solomon, 1988; Taylor, 1997).

As três partes seguintes, separadas em três capítulos, circunscrevem um campo de interrogações, que remetem a uma preocupação de relacionar espaços distintos, como o da família e o do indivíduo, inserindo-os em um contexto sócio-histórico. O campo, então, é mapeado em três sentidos:

- 1 - O do projeto científico para as Ciências Humanas

Sendo excludente da subjetividade, este projeto é discutido por um desenvolvimento histórico que o questiona, oferecendo alternativas (Blanckaert, 1999; Duarte, 1999, 2002b; Foucault,

1990, 1997; Gusdorf, 1960, 1974; Vidal, 1999). Daqui depreende-se um método: o do “universalismo romântico” (Duarte, 1999), auxiliando-me na construção de uma proposta de articulação. Relacionado à discussão do projeto científico para as Ciências Humanas, distingo a história da Psicologia e a da Terapia de Família, nas relações que constituem com a idéia de experiência subjetiva e com as Ciências Naturais e seus métodos (Coon, 1992; Danziger, 1979, 1980; 1983; Duarte & Venâncio, 1995; Gergen, 1985, 2001; Hoffman, 1994; Hornstein, 1992; Koch, 1992; Leary, 1979, 1992, 1995; Maturana, 1997; Maturana & Varela, 1995, 1997; Watzlawick, 1993; Wozniak, 1997).

- 2 - O dos contextos e transformações de teorias e práticas terapêuticas

Depreende-se dos contextos e transformações de teorias e práticas terapêuticas, a formulação da exclusão entre relacional e intrapsíquico, revelando-se, principalmente, no embate entre a Teoria Sistêmica e a Psicanálise. Destacando-se novamente um percurso histórico, podem-se observar alternativas diferenciadas e as transformações pelas quais a Terapia de Família é atravessada, incluindo: os sistêmicos influenciados pela Psicanálise, as terapeutas de família feministas, a Terapia de Família psicanalítica, o Construtivismo e o Construcionismo Social. Cada momento, representado por estas correntes, traz a este campo novas questões, intensificando a constante necessidade de reflexão (Boszormenyi-Nagy, 1976; Boszormenyi-Nagy & Framo, 1976; Brunschwig, 1997; Gergen, 1992, 1998; Gergen & Warhus, 1999; Goodrich, 1990; Luepnitz, 2002; Kães, 2001; Maturana, 1997, 2000, 2002; Maturana & Varela, 1995, 1997; Minuchin, 1990, 1995; Minuchin & Fishman, 1990; Minuchin & Nichols, 1995; Perelberg, 1994; Rampage, 1998; Ruffiot, 1985 Watzlawick et alli, 1986, 1993). Outro aspecto importante das transformações históricas refere-se tanto à Psicologia quanto à Terapia de Família. Trata-se de uma

discussão relativa às seguintes características, de sentido teórico e prático: fragmentação, unificação e integração. A história da relação entre estas características indica uma tendência de ressaltar uma ou outra, conforme o projeto que se assuma para a Psicologia e para a Terapia de Família. O movimento de integração é o que sobressai, mais recentemente, avivando a discussão ao se posicionar como uma alternativa para a fragmentação e para a unificação (Arnkoff, 1995; Beitman et alli, 1989; Duncan, 2002a, 2002b; Poznanski & McLennan, 1995; Staats, 1991, 1999; Sternberg & Grigorenko, 2001; Viney, 1989; Yanchar & Slife, 1997). Destaca-se, ainda desta discussão, o surgimento de uma nova disciplina, a Psicologia da Família (Kaslow, 1991; L'Abate, 1992, 1998; Mikesell et alli, 2001). Uma proposta de articulação começa a ser delineada, dando-se relevo a duas idéias: a da interdisciplinaridade e a do respeito acadêmico, ambas garantidas pelo reconhecimento à diferença (Augras, 1999; Taylor, 1992).

- 3 - O dos estudos sobre família, terapias e terapeutas de família no Brasil

São analisados: alguns artigos de periódicos nacionais, encontrados em duas bases de dados, INDEXPSI e SCIELO; os Congressos Brasileiros de Terapia de Família, por meio dos cadernos de resumos; e as entrevistas realizadas com cinco terapeutas de família do Rio de Janeiro. Com estas três direções de análise, apresento uma visão panorâmica de um campo de estudos, destacando algumas características e enfatizando a perspectiva de integração entre diversas teorias e práticas no campo da Terapia de Família.

Nestes quatro capítulos, um complexo campo de discussão é salientado, compondo um projeto que, inserido neste campo, pretende ser diferenciado. No último capítulo, apresento uma proposta de articulação, apoiando-me sobre a reflexão realizada

durante o processo de pesquisa e escrita desta tese. Procuo construir um “mapa-guia”, uma orientação teórica, nomeada como articulação, que me permite relacionar o indivíduo, a família e o contexto sócio-histórico, no qual os primeiros se inserem, e, ainda, aproximar a teoria e a experiência pessoal (Augras, 2001; Bauman, 1997, 1999, 2000; Berman, 1996; Castoriadis, 1982, 1992, 1997, 1999; Duarte, 1999; Elias, 1994a, 1994b, 1998a, 1998b, 2000, 2001; Gil, 1997; Losada, 2001; Muxel, 1996; Solomon, 1998; Taylor, 1997, 2000). Este capítulo, por um lado, encerra a tese, retomando aspectos fundamentais quanto à relação família/indivíduo e quanto à relação teoria/experiência pessoal. A relevância destas relações atrela-se a uma idéia de construção de conhecimento para as Ciências Humanas, pautando-se em analogias e metáforas constitutivas. Revela-se, assim, uma forma de compromisso, que reconhece filiações ao mesmo tempo em que resulta de um processo de reflexão. Por outro lado, termino a tese com um capítulo-abertura, um meio de recomeçar após ter escolhido um norte. Ao final, são assentadas convicções dialogadas, pensando o humano por suas múltiplas dimensões, que orientam a prática clínica.